

FALHAS DE TRANSITIVIDADE SÃO FALHAS DE ANÁLISE
TRANSITIVITY FAILURES ARE FAILURES IN THE ANALYSIS

*Aquiles Tescari Neto*¹

RESUMO

O texto apresenta um conjunto de dados apresentados por críticos à teoria cartográfica de Cinque (1999) sobre os advérbios especificadores. Trata-se de dados envolvendo o que os críticos chamam de “falhas de transitividade na sequência funcional”. Após uma breve explanação sobre a principal metodologia utilizada pela Cartografia sintática para se chegar às hierarquias funcionais – nomeadamente, os testes de *precedência-e-transitividade* –, serão apresentados dados de advérbios (de IP) envolvendo aparentes violações às hierarquias e contra-argumentos às críticas feitas a partir desses dados. Justificarei que tais casos estão muito longe de servirem como contra-argumentos às hierarquias cartográficas de IP e ilustram, na verdade, falhas na análise dos críticos.

Palavras-chave: Cartografia Sintática, Advérbios, Núcleos Funcionais, Transitividade, Hierarquia de Cinque.

ABSTRACT

The text presents a set of data offered by Cinque’s (1999) cartographic theory critics. These data involve what Cinque’s critics call “transitivity failures in the functional sequence”. After a brief explanation of the main methodology used by Syntactic Cartography to arrive at its functional

1 Departamento de Linguística, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP. *LaCaSa* – “Laboratório de Cartografia Sintática: Pesquisa e Ensino” (<https://is.gd/LaCaSaUnicamp>). E-mail: tescari@iel.unicamp.br. O autor agradece o apoio financeiro recebido pela FAPESP (processo 2016/20853-6). Agradece também os dois pareceres da *Linguística*, que contribuíram para um aperfeiçoamento da versão aqui apresentada, e as intervenções dos pós-graduandos da disciplina LL-218 (*Tópicos de Teoria Sintática*, turma de 2019, IEL, UNICAMP), que discutiram uma versão preliminar deste trabalho.

hierarchies, we will present some sentences involving apparent violations of the IP-adverbial hierarchies and some counterarguments to the criticisms made through these data. I will argue that such cases are far from serving as counterarguments to the IP-cartographic hierarchies. They actually illustrate flaws in the analysis of cartography critics.

Keywords: Syntactic Cartography, Adverbs, Functional Heads, Transitivity, Cinque's Hierarchy.

1. Introdução

Uma das críticas mais frequentes que a Cartografia Sintática tem recebido ao longo desses seus vinte anos acerta o eixo metodológico, justamente o eixo ao qual essa abordagem tem oferecido suas maiores contribuições – através de suas hierarquias – para a diagnose da posição de constituintes sintáticos (inclusive na testagem de movimentos). Os críticos da Cartografia, quase sem exceção, costumam trazer à discussão os casos que van Craenenbroeck (2009: 2) chama de “falhas de transitividade na sequência funcional” (*transitivity failures in the functional sequence*). Trata-se de (supostas) rupturas nas ordens canônicas lineares — e este é um detalhe importante — esperadas pelas hierarquias cartográficas.

Um dos métodos de que se valem os estudiosos da cartografia para determinar a posição dos constituintes nas hierarquias é a transitividade. Para propor, por exemplo, sua hierarquia universal de advérbios e núcleos funcionais, Cinque (1999) valeu-se de testes de precedência e transitividade, entre advérbios (AdvPs) de diferentes classes, partindo da combinação de dois advérbios por vez nas duas ordens possíveis (no espírito do esquema indicado em (1) e (2) a seguir):

- (1) a. $AdvP_A > AdvP_B$
 b. $*AdvP_B > AdvP_A$
- (2) a. $AdvP_B > AdvP_C$
 b. $*AdvP_C > AdvP_B$
- (3) $\therefore AdvP_A > AdvP_B > AdvP_C$

Assim, o extrato da hierarquia em (3) é obtido, por *transitividade*, a partir das relações de *precedência* em (1-2). Partindo da reconstrução de “extratos” da hierarquia – obtidos via testes de *precedência-e-transitividade* aplicados a línguas distintas, tendo em vista o *Princípio da Uniformidade* (Chomsky 2001) –, pode-se chegar a uma hierarquia (mais) completa de categorias funcionais, tanto

2 O símbolo “>” indica precedência.

no domínio da oração, como feito por Cinque (1999, 2006), como no domínio de outras projeções estendidas, como a projeção estendida do N (Laenzlinger, 2011; Giusti, 2006).

O programa cartográfico, em sua tentativa de determinar as sequências funcionais da oração e de seus sintagmas, enfrenta – no dizer de seus críticos, conforme mencionado acima – um grande desafio: trata-se das assim chamadas “falhas de transitividade na sequência dos constituintes funcionais” (*transitivity failure in the functional sequence*). Ilustram essas supostas falhas os casos em que, por exemplo, um advérbio A precede um advérbio B, que, por seu turno, precede um advérbio C, muito embora C, no entanto, também preceda A, contrariamente ao que se poderia esperar pela transitividade. (4) a seguir ilustra, em norueguês, esse caso.

(4) *Noruguês* (Nilsen, 2013, *apud* van Craenenbroeck, 2009: 2-3).

a. *muligens* ‘possivelmente’ > *ikke* ‘não’

Ståle har <*ikke> muligens <ikke> spist hvetekakene sine.

S. tem não possivelmente não comida cereais seus

‘S. possivelmente não tem comida os cereais dele’

b. *ikke* ‘não’ > *alltid* ‘sempre’

Ståle har <*alltid> ikke <alltid> spist hvetekakene sine

S. tem sempre não sempre comida cereais seus

‘S. não tem sempre comida os cereais dele’

c. *alltid* ‘sempre’ > *muligens* ‘provavelmente’

Dette er et morsomt gratis spill hvor spillerne

este é um divertido grátis jogo onde os jogadores

alltid muligens ert et klikk fra å vine \$1000!

sempre possivelmente SER.pres um clique de para ganhar \$1000

‘É um jogo divertido e grátis, em que você está sempre possivelmente a um clique de ganhar cem dólares.’

‘Driblar’ o desafio imposto pelos casos de “falhas de transitividade” exige, sem dúvidas, um estudo “de caso”. Muitas das “falhas” de transitividade aludidas na literatura (Ernst 2007, van Craenenbroeck, 2009, Zyman 2012, dentre outros) são, na verdade, apenas aparentes

contraexemplos às hierarquias cartográficas. Mais do que isso, conforme argumentaremos na sequência, tais falhas são, no melhor dos mundos possível, falhas nas análises feitas pelos críticos que não compreenderam, ou, talvez, não quiseram compreender, o espírito da cartografia sintática.

A propósito da “falha” em (4c), p.ex., o problema dessa ocorrência, conforme sugerido em Tescari Neto (2013, capítulo 5, seções 3 e 4), não seria um contraexemplo à hierarquia de Cinque, uma vez que *o que conta é o “momento”, na história derivacional, em que um determinado modificador é inserido na derivação* – naturalmente respeitando as hierarquias cartográficas. Com base na teoria da atribuição de escopo de Kayne (1998), Tescari Neto argumenta que toda vez que um advérbio entra na derivação, sua inserção é precedida pelo movimento do constituinte ou porção da sentença sob o seu escopo, seguido pela inserção do advérbio e movimento do remanescente. Sem entrar, agora, em detalhes dessas etapas derivacionais – uma vez que a seção 3 tratará com vagar da derivação de (4c) e de outros casos que podem ser tratados no mesmo espírito do que lá se proporá (cf. figura 4 da seção 3 e texto relacionado) –, pode-se, a propósito de (4c), argumentar que *alltid* ‘sempre’ é inserido antes de *mulligens* ‘possivelmente’. Ocorre que, antes de *mulligens* ser inserido, um núcleo *probe* atrai *ert et klikk fra å vine \$ 1000* — i.e., a porção da estrutura sob o escopo de *mulligens* — ao seu especificador. *Mulligens* é inserido, respeitando a hierarquia de Cinque, e, então, o remanescente, i.e., *spillerne alltid* move-se à esquerda do advérbio (ver a derivação sugerida na figura 4 e texto relacionado). O fato de o movimento do remanescente – conforme será argumentado com vagar na seção 3 – carregar consigo o advérbio mais baixo, *alltid* ‘sempre’, cria a ilusão de que os dois advérbios não seriam rigidamente ordenados, ou que se deveria propor um núcleo em posição mais baixa na sentença (Nilsen 2004) para legitimar o advérbio mais alto em uma posição baixa, a fim de manter a ideia das hierarquias. Se se assume a teoria da atribuição de escopo de Kayne (1998), como veremos na seção 3, esses problemas são contornados, como propõe Tescari Neto (2013) e não há a necessidade de propor uma posição baixa para advérbios altos (*contra* as previsões de Nilsen, 2003).

Se, por um lado, esses (aparentes) contraexemplos podem, em princípio, lançar dúvidas sobre a validade das hierarquias cartográficas – e sua possível utilização como diagnóstico para movimentos –, podem, por outro, surpreendente e incontestavelmente levar a uma compreensão o mais abrangente possível dos princípios e das regras da Gramática Universal (GU): se se almeja entender como as categorias funcionais são dispostas hierarquicamente na GU, faz-se necessária uma compreensão dos princípios de construção de frases, de combinação de elementos, bem como das restrições a operações

de movimento. Isso pode ser feito com base no estudo de ocorrências envolvendo violação das hierarquias. Assim, mesmo aquilo que os críticos chamam de “falhas de transitividade” é importante para os cartógrafos, uma vez que, muito mais do que suscitarem um engenhoso tratamento *ad hoc*, tais casos podem ilustrar não só de que modo a soldagem (‘merge’) e o *movimento* se alternam na história derivacional como também as alturas, nas hierarquias, a que “blocos ou *chunks* de constituintes” podem ser carregados (por exemplo como material remanescente).

O trabalho tem por objetivo principal discutir alguns casos de aparentes falhas na sequência funcional para sugerir que, na verdade, tais casos não ilustram falha alguma nas hierarquias cartográficas; antes, exemplificam, sim, falhas nas análises dos críticos da cartografia. Dito de outro modo, esses casos exemplificariam uma incompreensão, talvez, pelos críticos, da metodologia cartográfica. Para atingir esse objetivo principal, o trabalho se organiza da seguinte forma: na seção 2, apresentamos, com exemplos, a metodologia da precedência-e-transitividade, introduzida a partir dos esquemas em (1-3) acima; na sequência, em 3, oferecemos alguns dos contraexemplos dos críticos da cartografia. Cada contraexemplo será reanalisado com base em pressupostos cartográficos, combinados com considerações minimalistas sobre a interação entre soldagem e movimento na história derivacional.

2. Da Cartografia de IP

Grande parte das contribuições à “cartografia” de IP tem sido oferecidas nos trabalhos de Cinque (1999, 2004, 2006s.). Para chegar à ordenação dos advérbios e dos núcleos funcionais do IP (ou *middlefield*), Cinque (1999) testa a posição relativa de AdvPs das mais diferentes classes sintático-semânticas, seguindo a metodologia discutida a propósito dos exemplos (1-3): os testes de precedência-e-transitividade. O autor traça um paralelo entre a ordenação dos AdvPs e a ordenação dos núcleos funcionais semanticamente correspondentes (afixos livres e presos, auxiliares, Vs funcionais, etc.). Uma vez que os AdvPs e os núcleos funcionais correspondem em termos de número, classes semânticas e ordem relativa, Cinque conclui – também com base em evidências independentes – que os AdvPs **são os especificadores únicos dos núcleos funcionais** correspondentes, conforme a hierarquia a seguir:

(5) A Hierarquia Universal das Projeções Funcionais do *Middlefield*:

[*francamente* Modo_{Ato de fala} > [*surpreendentemente* Modo_{Mirativo} > [*felizmente* Modo_{Avaliativo} > [*evidentemente* Modo_{Evidencial} > [*provavelmente* Modalidade_{Epistêmica} > [*uma vez* T_{Passado} > [*então* T_{Futuro} > [*talvez* Modo_{Irrealis} > [*necessariamente* Modalidade_{Necessidade} > [*possivelmente* Modalidade_{Possibilidade} > [*normalmente* Asp_{Habitual} > [*finalmente* Asp_{Tardivo} > [*tendencialmente* Asp_{Predisposicional} > [*novamente* Asp_{Repetitivo(I)} > [*frequentemente* Asp_{Frequentativo(I)} > [*de/com gosto* Modalidade_{Volitiva} > [*rapidamente* Asp_{Acclerativo(I)} > [*já* T_{Anterior} > [*não ... mais* Asp_{Terminativo} > [*ainda* Asp_{Continuativo} > [*sempre* Asp_{Contínuo} > [*apenas* Asp_{Retrospectivo} > [(*dentro*) em breve Asp_{Aproximativo} > [*brevemente* Asp_{Durativo} > [(?) Asp_{Genérico/Progressivo} [*quase* Asp_{Prospectivo} > [*repentinamente* Asp_{Incoativo(I)} > [*obrigatoriamente* Modo_{Obrigaçao} > [*em vão* Asp_{Frustrativo} > [(?) Asp_{Conativo} > [*completamente* Asp_{SingCompleto(I)} > [*tudo* Asp_{PlurCompleto} > [*bem* Voz > [*cedo* Asp_{Acclerativo(II)} > [*do nada* Asp_{Incoativo(II)} > [*de novo* Asp_{Repetitivo(II)} > [*frequentemente* Asp_{Frequentativo(II)} > ... (Cinque, 1999:106, modificada em Cinque, 2006)^{3,4}

As sentenças em (6-8), a seguir, adaptadas de Tosqui e Longo (2003: 89) – que são as “versões” portuguesas das sentenças correspondentes em inglês, citadas em Cinque (1999: 33) –, ilustram o expediente metodológico do teste de precedência e transitividade, já discutido na seção anterior, a propósito dos dados em (1-3).

(6) Advérbios de ato de fala (*honestamente*) > advérbios avaliativos (*infelizmente*):

- a. *Honestamente* eu sou *infelizmente* incapaz de ajudá-lo
- b. **Infelizmente* eu sou *honestamente* incapaz de ajudá-lo

(7) Advérbios avaliativos (*felizmente*) > advérbios evidenciais (*evidentemente*):

- a. *Felizmente* ele tinha *evidentemente* formado sua opinião sobre o assunto
- b. **Evidentemente* ele tinha *felizmente* formado sua opinião sobre o assunto

(8) Advérbios evidenciais (*obviamente*) > advérbios epistêmicos (*provavelmente*):

- a. *Obviamente* João *provavelmente* vai rapidamente aprender francês perfeitamente
- b. **Provavelmente* João *obviamente* vai rapidamente aprender francês perfeitamente

Os dados em (6-8) permitem que Tosqui e Longo (2003) (no espírito de Cinque) cheguem à seguinte porção da hierarquia:

(9) Speech Act > Evaluative > Epistemic

3 A versão em português brasileiro (PB) dessa hierarquia se baseia em Tescari Neto (2013).

4 Os pontos de interrogação indicam não haver advérbios, nas línguas tratadas por Cinque, que pareçam corresponder aos respectivos núcleos. Mesmo em PB parece não haver tais advérbios.

O extrato em (9) corresponde à porção mais alta da hierarquia apresentada em (5). Cinque reconstrói a hierarquia completa através dessa metodologia que pode ser completada através da aplicação do mesmo expediente metodológico.

Para Cinque (1999), os advérbios ocupam a posição de especificadores únicos de núcleos funcionais distintos. O autor recorre à mesma metodologia (dos testes de precedência-e-transitividade) para chegar à hierarquia dos **núcleos funcionais**, hierarquia essa que corresponde em tipo semântico, número e ordem relativa à hierarquia dos advérbios.⁵ Com base no movimento do particípio passado ativo em italiano, Cinque mostra que, entre dois AdvPs de sua hierarquia, deveria haver *apenas um núcleo*. Assim, em italiano, o particípio passado ativo pode preceder ou seguir qualquer advérbio baixo, exceto os advérbios *tutto* ‘tudo’ e *bene* ‘bem’, por razões ligadas à subida obrigatória de V por sobre esses dois advérbios, o que seria ortogonal à questão principal endereçada na presente seção:

(6) *Italiano* (Cinque, 1999: 45)

a. Da allora, non hanno *rimesso* di solito mica più sempre completamente tutto bene in ordine

Desde então, não tinham colocado geralmente nunca mais sempre completamente tudo bem em ordem

‘Desde então, não tinham *colocado* geralmente nunca mais sempre completamente tudo bem em ordem’

b. Da allora, non hanno di solito *rimesso* mica più sempre completamente tutto bene in ordine

c. Da allora, non hanno di solito mica *rimesso* più sempre completamente tutto bene in ordine

d. Da allora, non hanno di solito mica più *rimesso* sempre completamente tutto bene in ordine

e. Da allora, non hanno di solito mica piu sempre *rimesso* completamente tutto bene in ordine

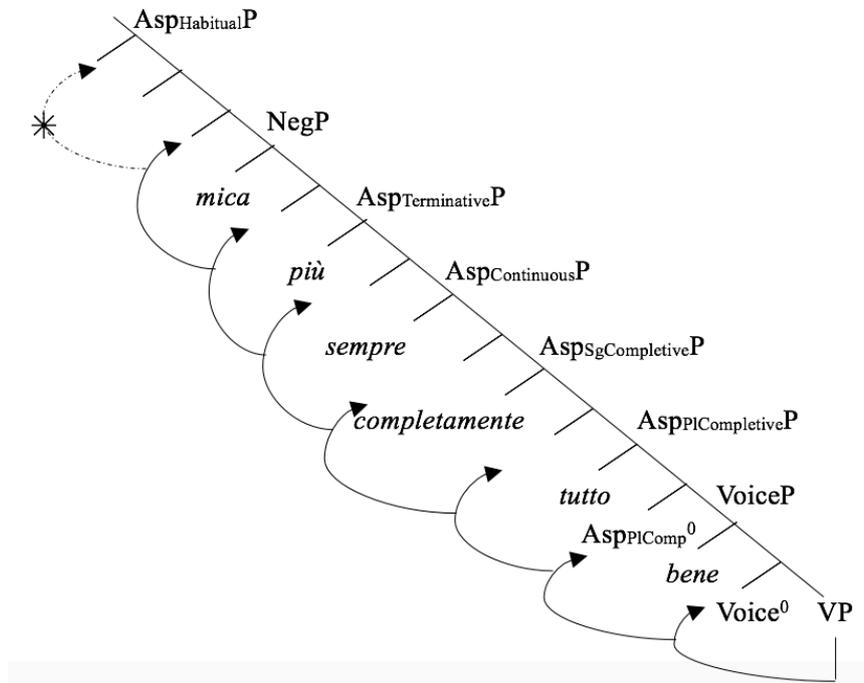
f. Da allora, non hanno di solito mica piu sempre completamente *rimesso* tutto bene in ordine

Assim, se se assume uma análise do movimento do verbo no espírito de Pollock (1989), as ordenações em (6a-f) sugerem a existência de um núcleo à esquerda (e à direita) de cada um dos AdvPs c-comandados pelo habitual *di solito* ‘normalmente’ (com a exceção de *tutto* ‘tudo’ e *bene* ‘bem’ (ver Cinque, 1999: 45). A figura 1, a seguir, representa os movimentos do particípio em (6), de núcleo em núcleo. Deste modo, para derivar, por exemplo, (6f), assume-se que o V deixa o VP e se

⁵ Por razão de espaço, **não ilustro** exemplos desses testes de precedência e transitividade aplicados aos núcleos. Ver, para isso, Cinque (1999, cap. 3 e 4).

move a Voice, depois a Asp_{PICompleteive}, e, então, ao núcleo de Asp_{SingCompleteive}. Para derivar (4e), V sobe um núcleo a mais, i.e., move-se a Asp_{ContinuousP}. Para derivar (3d), o V sobe um nó a mais, movendo-se a Asp_{Terminative}. O mesmo procedimento se aplica a (3c-a): o V sempre sobe um núcleo.

Fig.1: do movimento do particípio passado ativo em italiano (Fonte: elaboração própria)



O advérbio de tempo anterior *già* ‘já’, por razões semânticas (Cinque, 1999: 45), não pode aparecer na mesma ocorrência com os outros advérbios de (6). As ocorrências em (7), no entanto, mostram que entre *mica* e *già* e entre *già* e *più* há também uma posição nuclear:

(7) (Italiano) (Cinque, 1999: 45)

a. Non ha mica già ricevuto più niente
 Não tinha não já recebido mais nada
 ‘Ele já não tinha recebido mais nada não’

b. Non ha mica ricevuto già più niente

(6-7) levam Cinque a propor o esquema (8), em que “X” representa um núcleo que pode, na ausência de material, na numeração, vir a ser ocupado pelo V em seu movimento à flexão (cf. Cinque, 1999: 45):

(8) [X [solitamente X [mica X [già X [più X [sempre X [completamente X [tutto bene [VP]]]]]]]]]]

Cinque oferece, portanto, evidências ulteriores interessantes não apenas para a hierarquia apresentada em (5), como também para a conjectura de que os AdvPs seriam os especificadores únicos de núcleos funcionais.

Tal como apresentada em (5), a hierarquia prevê que um advérbio mais baixo entre primeiro na derivação que um advérbio mais alto. Assim, se *sempre* e *bene* estiverem, ambos, na numeração, *bene* deverá entrar primeiro do que *sempre*, em vista da direcionalidade *bottom-up* nas derivações do programa minimalista.⁶ Hierarquias preveem apenas isso: o momento, na história derivacional, que determinado item funcional será soldado pela primeira vez ('externally merged'). Uma vez que a derivação se constrói por sequências alternadas de soldagem externa (*merge*) e de soldagem interna (*movement*), a previsão das hierarquias se limita à previsão de primeira soldagem, i.e., da soldagem externa. Obviamente, se um item funcional, p.ex. um advérbio, é movido dentro de uma porção da estrutura (um bloco ou *chunk* maior), a posição de linearização não poderá servir como critério a deslegitimar a empresa cartográfica, voltada, sobretudo, à soldagem externa, no caso de IP. Uma interpretação equivocada dessa *démarche* cartográfica dá lugar às infundadas críticas sobre as falhas de transitividade. A próxima seção apresenta algumas dessas críticas e nossos contra-argumentos.

3. Dos aparentes casos de “falhas de transitividade em IP”: o caso dos advérbios⁷

A validade da hierarquia dos advérbios tem sido testada por diversos autores em várias línguas, desde a publicação de Cinque (1999).⁸ A literatura sobre o português brasileiro, em particular, conta com pelo menos três trabalhos para a verificação da hierarquia universal: os trabalhos de Santana (2005, 2010) e o de Tosqui & Longo (2003), que inclusive testou também a validade da hierarquia aos modalizadores do inglês. Além de Tosqui & Longo, o inglês também foi testado, dentre outros, por Zyman (2012). Este último autor apresenta alguns dados que, à primeira vista, questionariam a existência de uma hierarquia universal de advérbios. Trata-se, em linhas gerais, de falhas de transitividade na sequência funcional. Nesta seção apresentarei três casos de (aparentes) “falhas de transitividade”. Todos os três casos ilustram ocorrências cujos advérbios violariam a hierarquia de Cinque. Conforme argumentarei, essas violações são tão somente aparentes, mas não reais.

6 Vide, a esse propósito, na fig. 1 – dada anteriormente – que *bene*, por estar mais baixo na hierarquia de Cinque, é c-comandado por (e, conseqüentemente, entra antes na derivação do que) *sempre*.

7 Essa seção apresenta uma versão revisitada e modificada de algumas seções da tese de Tescari Neto (2013, cap. 5). Em alguns trechos, o texto original foi apenas traduzido.

8 Uma série de trabalhos tem sido publicada desde o fim dos anos 90 para testar a aplicabilidade da teoria dos especificadores funcionais.

Apresentarei primeiramente dados envolvendo “violações” e, na sequência, os contra-argumentos às análises desses autores. Iniciamos com alguns dos dados discutidos em Ernst (2007).

Ernst (2007), ao apresentar sua “abordagem de Base Semântica à modificação adverbial”, argumenta que a distribuição de advérbios aspectuais – frequentativos, repetitivos, etc. – seria intrigante para (o que ele chama de) “Teoria dos Especificadores Funcionais”, em alusão à proposta de Cinque, que trata os advérbios como especificadores (únicos) de núcleos funcionais.⁹ Valho-me, na sequência, de alguns dos dados que Ernst considera desafiadores para a teoria de Cinque e sugiro uma derivação para eles, baseada em Tescari Neto (2013). Além de ser compatível com a hierarquia de Cinque, a análise aqui avançada tem a vantagem de manter as duas leituras desses advérbios quantitacionais relacionados, sem aumentar o número de núcleos funcionais, como faz supor a crítica feita por Ernst.

Começemos com as sentenças dadas em (9), abaixo.

(9) *Inglês* (Ernst, 2007: 1016)

- a. Janet frequently would be visiting Sam.
 Janet frequentemente COND. estar.INF visit.PROG Sam
 ‘Janet estaria frequentemente visitando o Sam’
- b. Janet would be frequently visiting Sam.
- c. Janet would be visiting Sam frequently.

O escopo do advérbio é diferente em cada sentença em (9). Assim, em (9a), o advérbio modifica o evento, enquanto em (9b,c) modifica o processo (ver Ernst 2007: 1016 para um esclarecimento dessas duas leituras e os contextos em que cada uma delas apareceria). Esse é o caso apresentado por (10), onde as duas instâncias de *frequentemente* coocorrem.

(10) Janet frequently would be frequently visiting Sam. (Ernst, 2007: 1017)

(9) e (10) são facilmente explicados, por exemplo, pela abordagem de Cinque: o advérbio em (9a) e o mais alto em (10) são soldados no Asp_{Frequentative(I)}P, onde o advérbio tem escopo sobre o evento.

9 Esses advérbios, segundo Cinque (1999), são geráveis em duas zonas semânticas distintas (uma zona de evento e uma de processo). Tais zonas tem sido tradicionalmente consideradas como sendo o IP/TP (escopo sobre o evento) e o VP (escopo sobre o processo).

Em (9b,c), bem como na instância mais baixa de frequentemente em (10), o escopo do advérbio é o processo.

Ernst critica a afirmação de Cinque de que o uso do advérbio frequentativo com escopo sobre o evento estaria relacionado a apenas um núcleo funcional, com base nos seguintes dados:

- (11) a. She frequently would have been visiting Sam.
Ela frequentemente COND. ter.INF estar.PART visit.PROG. Sam
'Ela frequentemente teria estado visitando Sam'
- b. She would frequently have been visiting Sam.
- c. She would have frequently been visiting Sam.
- (12) a. Frequently, she just would have been visiting Sam.
- b. She just would frequently have been visiting Sam.
- c. She just would have frequently been visiting Sam.

(Ernst, 2007: 1017)

Ernst diz que (11c) e (12a, c) seriam problemáticas para a ideia de Cinque de que a leitura de escopo sobre o evento disponível a advérbios de frequência seja codificada em um único núcleo funcional. Primeiramente é importante dizer que (11a, b) não representariam um problema para a teoria de Cinque, já que se admite (Travis, 1984; Pollock, 1989; Belletti, 1990) que *would* se mova por sobre *frequently* em (b). (11c) aparentemente seria problemática porque envolveria, na análise de Ernst, uma violação do *Head Movement Constraint* (HMC) (Travis, 1984) (ver também Ernst, 2002: 117). Contudo, para além do fato de que (11c) ainda possa ser abordada por movimento nuclear sem qualquer violação do HMC (ver Cinque, 2004), pode-se sugerir que tal violação não ocorra se a atribuição de escopo aos advérbios se der por um processo necessariamente transformacional, no espírito de Kayne (1998). Se a mesma linha de raciocínio for estendida para (12c), nenhuma violação do HMC ocorrerá, conforme o esperado (dada a gramaticalidade desta sentença). A derivação de (11c) está representada abaixo:

(11) c'... have been visiting Sam → Soldagem de um núcleo *probe* associado a *frequently*_{Event})¹⁰

F° [have been visiting Sam → atração de *been visiting Sam* para [Spec,F]

[_{FP} [been visiting Sam]_j] F° [have t_j → soldagem de Asp_{Freq(I)}° e de *frequently* em seu Spec;

[_{AspFreq(I)P} frequently Asp_{Freq(I)}° [_{FP} [been visiting Sam]_j] F° [have t_j]]] → movimento do remanescente

[_{GP} [have t_j]_k] G° [_{AspFreq(I)P} frequently Asp_{Freq(I)}° [_{FP} [been visiting Sam]_j] F° t_k]]]

No que diz respeito a (12c), essa sentença envolveria uma derivação semelhante. Duas observações devem ser feitas aqui. Primeiramente, não está claro que, nesse uso, o advérbio seja apenas o identificado em Cinque (1999: 106) como Asp_{Retrospective}. Pode ser um advérbio de foco (como *only* ‘só’, *até* ‘even’). Se estivesse sendo usado com seu valor retrospectivo, a sentença não representaria um problema para a teoria de Cinque: basta lembrar que *a hierarquia* é válida em relação ao *ponto*, na derivação, em que o advérbio é *Soldado*. Seja *just* um advérbio retrospectivo ou um advérbio de foco, ele necessariamente seria soldado antes do eventivo *frequently*.¹¹ O aparecimento de *just* à esquerda de *frequently* seria o resultado do movimento aplicado ao remanescente que inclui *just*. A segunda observação também se refere ao material remanescente. Ele contém dois auxiliares: *would* e *have*. Assim, a ausência de efeitos HMC é contabilizada.

A ideia de que a atribuição do escopo aos advérbios se dê, na esteira de Kayne (1998), transformacionalmente, nos ajuda a manter a afirmação de Cinque de que advérbios aspectuais tenham duas posições de soldagem, cada qual tendo um e apenas um núcleo funcional, especificado para o evento ou para o processo. Abordadas dessa maneira, (11) e (12) realmente favoreceriam a teoria de Cinque, que assume apenas uma projeção para o *frequentemente* eventivo.

Os exemplos discutidos acima, em linhas gerais, sugerem que a ordem superficial dos

10 Estou aqui assumindo, com Tescari Neto (2013), que a soldagem de advérbios altos, que são modificadores a tomarem por escopo constituintes sentenciais, envolve necessariamente a soldagem de um núcleo sonda que atrai, a seu especificador, o constituinte a ser modificado pelo advérbio. Na sequência, novo núcleo licencia a soldagem do AdvP em seu especificador, ao que se segue o movimento do remanescente ao Spec do núcleo imediatamente acima. Assim, a entrada de um advérbio alto como focalizador envolve necessariamente três projeções funcionais: uma projeção cujo núcleo atrai (a seu Spec) o constituinte a ser modificado pelo AdvP, uma projeção cujo núcleo licencia o advérbio em seu Spec, e uma terceira, cujo especificador é a posição de pouso do remanescente.

11 Tescari Neto (2017) argumenta que os focalizadores da classe de *just* são inseridos em posições mediais-altas, necessariamente acima dos advérbios de aspecto habitual. Sendo assim, estão mais altos do que *frequently*.

advérbios, embora necessária, não é uma condição suficiente para propor a criação de uma nova projeção funcional, em Cartografia. Também são necessárias evidências da existência de núcleo funcional (veja, por exemplo, a discussão de Cinque (2006) a respeito dos verbos de reestruturação no italiano), porquanto a Cartografia segue à risca a diretriz minimalista que prevê que a postulação de categorias funcionais se justifique “seja por *output conditions* (interpretação semântica ou fonética) ou por argumentos de natureza teórica”. (Chomsky, 1995: 24). Parece não haver, contudo, evidência independente para propor a existência de tal núcleo para os casos discutidos, como faria supor a interpretação de Ernst sobre o modo de resolver, cartograficamente, os aparentes casos de falhas de transitividade dos exemplos por ele apresentados – e discutidos acima. A abordagem cartográfica primeiro procuraria saber se essa aparente falta de ordem relativa seria devida a movimentos. Não há, portanto, nos exemplos discutidos, qualquer violação à hierarquia de Cinque, qualquer falha de transitividade. Há, na verdade, falha na interpretação de Ernst.

Passemos ao segundo caso de “aparentes violações à hierarquia universal”, discutidas em Zyman (2012). Esse autor propõe uma análise em termos do que chama de “Direct Attachment” (que poderíamos traduzir por ‘adjunção direta’). Por essa proposta, um advérbio poderia se adjungir diretamente a quaisquer constituintes da sentença, podendo “desrespeitar”, dessa forma, as hierarquias cartográficas.

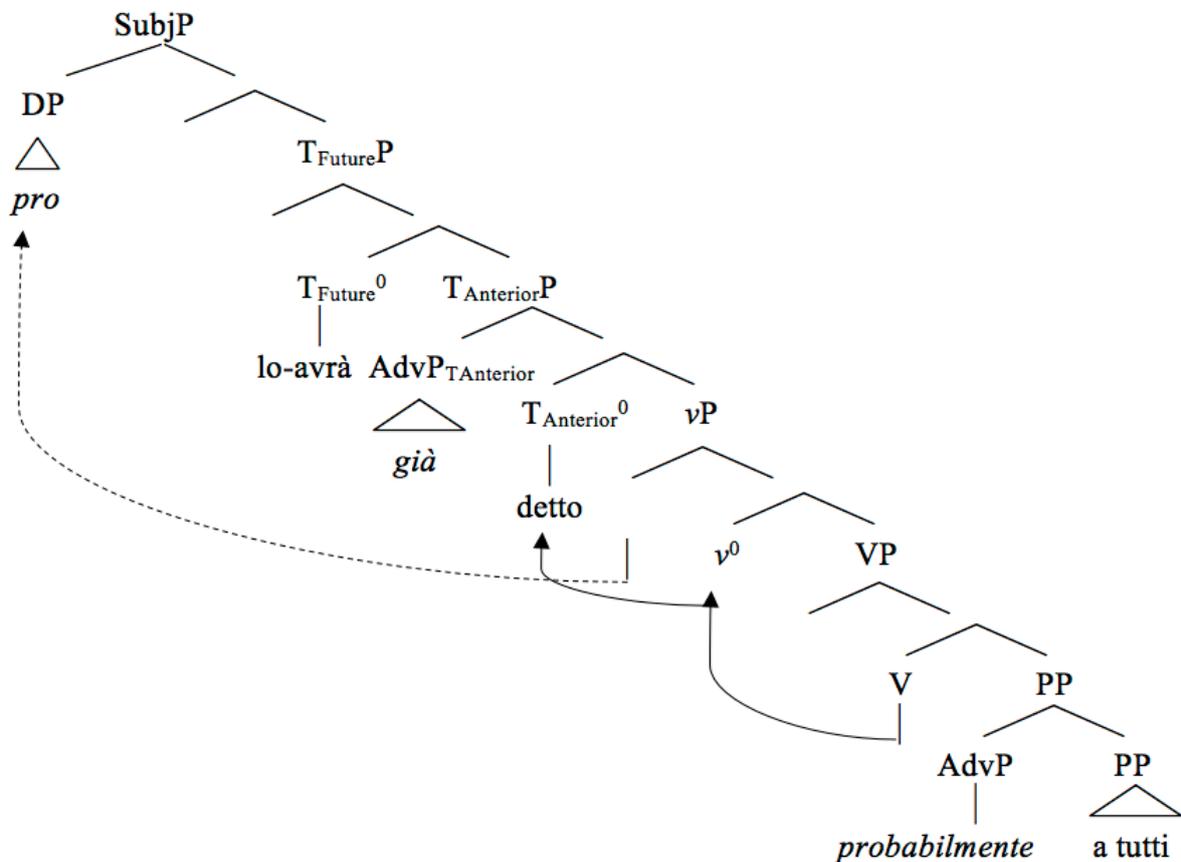
Em linhas gerais, a proposta do “Direct Attachment” de Zyman parece ser uma reinvocação da análise tradicional da adjunção, problemática sob a visão antissimétrica (Kayne, 1994), que propõe um único especificador/adjunto por núcleo. Descrevo a proposta de Zyman, a seguir, a partir de dados discutidos pelo autor, que ilustrariam aparentes “falhas de transitividade” na hierarquia de Cinque (1999). Os exemplos discutidos evocam casos em que um advérbio A, mais alto na hierarquia de Cinque do que outro advérbio B, aparece à direita de B, contrariamente ao que se esperaria – *não fossem levados em consideração os movimentos sintáticos*. Os exemplos em italiano (13a,b) são de Cinque (1999: 32); as versões correspondentes em inglês (13a’,b’) são de Zyman (2012 : 73).

- (13) a. Lo avrà già detto [probabilmente a tutti].
 O terá já dito provavelmente a todos
- b. He will have already said that probably to everybody.
 Ele vai ter já dito aquilo provavelmente para todos
 ‘Ele já vai ter falado aquilo provavelmente para todo mundo’

- a. Non legge più romanzi [forse proprio per questo].
 Não lê mais romances talvez exatamente por isso
- b. He no longer reads novels perhaps precisely for this reason.
 Ele não mais lê romances talvez precisamente por isso
 ‘Ele já não lê romances talvez precisamente por isso’

Pela hipótese do “Direct attachment”, (13a,b) não violam a hierarquia Cinque: o advérbio que aparece à direita de *probabilmente/probably*, em (13a), e de *forse/perhaps*, em (13b), foi adjungido diretamente ao PP *a tutti/to everybody* ‘a todos’, (13a), ou ao PP *per questo/for this reason* ‘por esta razão’, (13b) – ver fig. 2. Em virtude dessa adjunção direta, não haveria violação, Zyman argumenta, da hierarquia de Cinque: os dois advérbios em cada frase pertencem a “estruturas-F” distintas (Zyman, 2012: 73): “[...] [Estas] ‘violações’ são ilusórias, porque em cada uma dessas sentenças, os dois advérbios não fazem parte da mesma estrutura F”. Os casos de “falhas na transitividade”, como os ilustrados em (9), seriam, então, para Zyman, na verdade, ocorrências cujos advérbios pertenceriam a projeções estendidas distintas, o que não contaria como violação às hierarquias cartográficas.

Fig. 2: A adjunção de *probabilmente* ao PP segundo o “Direct Attachment” de Zyman



(Fonte: elaboração própria)

Na proposta de Zyman (2012), não fica claro como, quando e em que momento na história derivacional os advérbios se “adjuiriam diretamente” aos constituintes que não fazem parte da projeção estendida do V (por exemplo, APs, PPs, DPs, etc.). Uma questão séria enfrentada por teorias de adjunção livre – e a teoria de Zyman é um exemplo dessas propostas – teria a ver com a interferência do adjunto na atribuição de papel temático (Chomsky, 1986: 6s.). Para salvar uma análise de “direct attachment”, o adjunto teria de ser soldado tardiamente na derivação. Tal análise, no entanto, realmente jogaria o problema de volta à projeção estendida do V. Alternativamente, o advérbio se adjuiria na projeção estendida de N, P, etc. No entanto, neste caso, seria necessário desenhar um mapa completo da projeção estendida de N, P, etc. e mostrar a(s) posição(ões) onde os adjuntos seriam soldados, uma vez que também se deve esperar alguma hierarquia nesses domínios. Soldar o adjunto dentro da projeção estendida da categoria diretamente modificada por ele poderia, em princípio, isentar a análise de Zyman do problema da atribuição de papel temático mencionado acima.

O próprio fato de as frases em (14a, b) a seguir, serem ambíguas (embora não o sejam para todos os falantes)¹² seria um bom argumento contra análises envolvendo adjunção livre de advérbios a constituintes que não fazem parte da sequência funcional (i.e., da hierarquia apresentada em (5), seção 2). Seria também um problema para análises que, para tentar “salvar” análises cartográficas, optam pela “adição” ou “criação” de uma posição baixa extra para o advérbio (alto de Cinque). Os dados em (14a,a’, a’), do italiano, e em (14b,b’,b’’) do PB, são de Tescari Neto (2013, capítulo 5).

- (14) a. Gianni mangiava probabilmente la pasta.
G. comia provavelmente a massa
‘G. comia provavelmente massa’
- a’. Gianni mangiava probabilmente la pasta, non la carne. (escopo sobre o OD)
Gianni comia provavelmente massa, não carne
- a’’. [Quando sono arrivato,]
[Quando eu cheguei,]
Gianni mangiava probabilmente la pasta, (?)non beveva il latte (escopo sobre o IP)
‘G. comia provavelmente massa, não bebia leite’

¹² Ver, por exemplo, Schifano (2018), cujos detalhes são dados na nota seguinte.

- b. O José comia provavelmente arroz.
- b'. O José comia provavelmente arroz, não feijão. (escopo sobre o OD)
- b''. O José comia provavelmente arroz, não ficava sem comer (na Quaresma). (escopo sobre o IP)

Se pensarmos pela análise de Zyman (2012), não seria possível derivar a leitura de escopo amplo de *probabilmente/provavelmente*, em (14) – ver paráfrases em (14a'') e (14b''). Somente a leitura de escopo estreito (14a')/(14b') seria derivável. A impossibilidade teórica, em Zyman, da leitura de escopo amplo de *probabilmente/provavelmente* é devida ao fato de o advérbio ser adjungido diretamente, em (14), ao DP por ele modificado – de maneira similar ao que vimos para a derivação de (13a), na fig. 1. Contudo, mesmo que o advérbio se posicione, como em (14a,b), à direita de V, a leitura de escopo amplo parece ser legitimada, conforme atestado pelo ‘teste de mentira’ em (14a'b').¹³

Falta explicar como (13) poderia ser derivada em vista da metodologia da Cartografia. A derivação dessa ocorrência deverá deixar claro não só por que essas ocorrências não ilustram casos de falhas de transitividade, como também porque exemplificariam falhas na análise dos críticos. No caso específico da discussão dos dados por Zyman, o autor não argumenta que os dados em (13) invalidam a análise de Cinque; antes, esses dados, segundo Zyman, exemplificam casos em que os dois advérbios envolvidos pertencem a duas projeções estendidas (domínios) distintas: um a projeção estendida do V (ou oração) e o outro a projeção de um sintagma. Na verdade, conforme argumento na sequência, os exemplos em (13) ilustram casos em que os advérbios pertencem, ambos, à projeção estendida da oração. Exemplificarei isso com base numa discussão de (13a). Os dados das outras ocorrências podem ser analisados na mesma linha do que proponho na sequência.

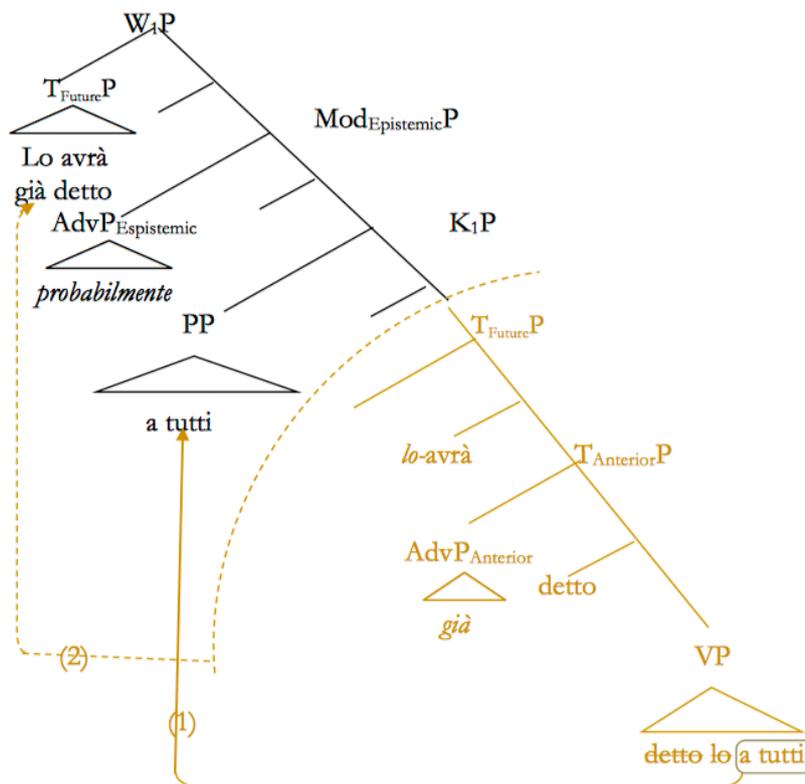
- (13) a. Lo avrà già detto [probabilmente a tutti].
 O terá já dito provavelmente a todos
 ‘Vai já ter dito isso provavelmente a todos’

Para derivar essa ocorrência, é importante primeiramente nos lembrarmos de que a *hierarquia serve para indicar o momento, na história derivacional, em que uma categoria funcional, se presente*

13 Para Schiffano (2018), o posicionamento do advérbio à direita do V não legitima a leitura de escopo sobre o IP. Os informantes de Tescari Neto (2013), à exceção de Guglielmo Cinque, aceitam a leitura de escopo amplo mesmo em italiano. Costa (2008) aceita a leitura de escopo amplo em contextos equivalentes aos de (14) no português europeu.

na numeração, será soldada pela primeira vez. A numeração de (13a) conta com dois advérbios, *già* ‘já’ e *probabilmente* ‘provavelmente’. De acordo com a hierarquia em (5), *già* é c-comandado por *probabilmente*. Isso significa, então, que *già* deverá entrar na derivação antes de *probabilmente*. Detalhes à parte – concernentes à soldagem do particípio passado, do clítico acusativo *lo* ‘o’, do advérbio *già* em Spec, $T_{Anterior}$ e do auxiliar *avrà* ‘terá’ em Spec, T_{Fut} –, a derivação de (13a) envolveria a soldagem do advérbio *già* ‘já’ antes da soldagem de *probabilmente* ‘provavelmente’, uma vez que *già* está mais baixo na hierarquia. Após a entrada de *già* na derivação, *a tutti* seria atraído por um núcleo *probe* (cf., na fig. 3, o passo indicado como “(1)”), associado ao advérbio *probabilmente*, seguido pela soldagem do advérbio no especificador logo acima, e pelo movimento do remanescente “Lo avrà già detto” por sobre o advérbio (cf. o passo indicado como “(2)” na fig. 3). Esse movimento do remanescente criaria a impressão de que *già*, carregado dentro do remanescente, não estaria ordenado em relação ao advérbio *probabilmente*.

Fig. 3: A derivação de (13a)



(Fonte: adaptado de Tescari Neto, 2013)

A derivação esboçada na figura 3 sugere que, antes da soldagem de um advérbio alto, um núcleo atrai, a seu especificador, o constituinte que deverá ficar sob o escopo do advérbio. Assim, o PP *a tutti* ‘para todos’ é atraído ao especificador de K (passo “(1)” da derivação). O passo derivacional seguinte consiste na soldagem do núcleo licenciador do advérbio, seguindo a hierarquia de Cinque.

Novo movimento coloca o remanescente em um especificador acima (passo indicado como “(2)”), deixando, sob o escopo do advérbio, apenas o constituinte por ele modificado. Uma vez que escopo é definido sob c-comando, a derivação sugerida tem o mérito de “isolar”, no domínio de c-comando do advérbio, somente o constituinte sob seu escopo. Não há, portanto, qualquer violação da hierarquia de Cinque se tomarmos os dados discutidos por Zyman (2012).

O terceiro e último caso de (aparente) violação da hierarquia é citado em Nilsen (2003) e discutido também em van Craenenbroeck (2009) em termos de “falhas de transitividade na sequência funcional”. Um dos dados discutidos por esses autores foi apresentado na seção 1, acima, em (4a-c). Reproduzimos esses exemplos abaixo:

(4) *Noruguês* (Nilsen, 2003, discutido também em van Craenenbroeck, 2009: 2-3).

a. *mulingens* ‘possivelmente’ > *ikke* ‘não’

Ståle har <*ikke> muligens <ikke> spist hvetekakene sine.

S. tem não possivelmente não comida cereais seus

‘S. possivelmente não tem comida os cereais dele’

b. *ikke* ‘não’ > *alltid* ‘sempre’

Ståle har <*alltid> ikke <alltid> spist hvetekakene sine

S. tem sempre não sempre comida cereais seus

‘S. não tem sempre comida os cereais dele’

c. *alltid* ‘sempre’ > *mulligens* ‘provavelmente’

Dette er et morsomt gratis spill hvor spillerne

este é um divertido grátis jogo onde os jogadores

alltid mulligens ert et klikk fra å vine \$1000!

sempre possivelmente SER.pres um clique de para ganhar \$1000

‘É um jogo divertido e grátis, em que você está sempre possivelmente a um clique de ganhar cem dólares.’

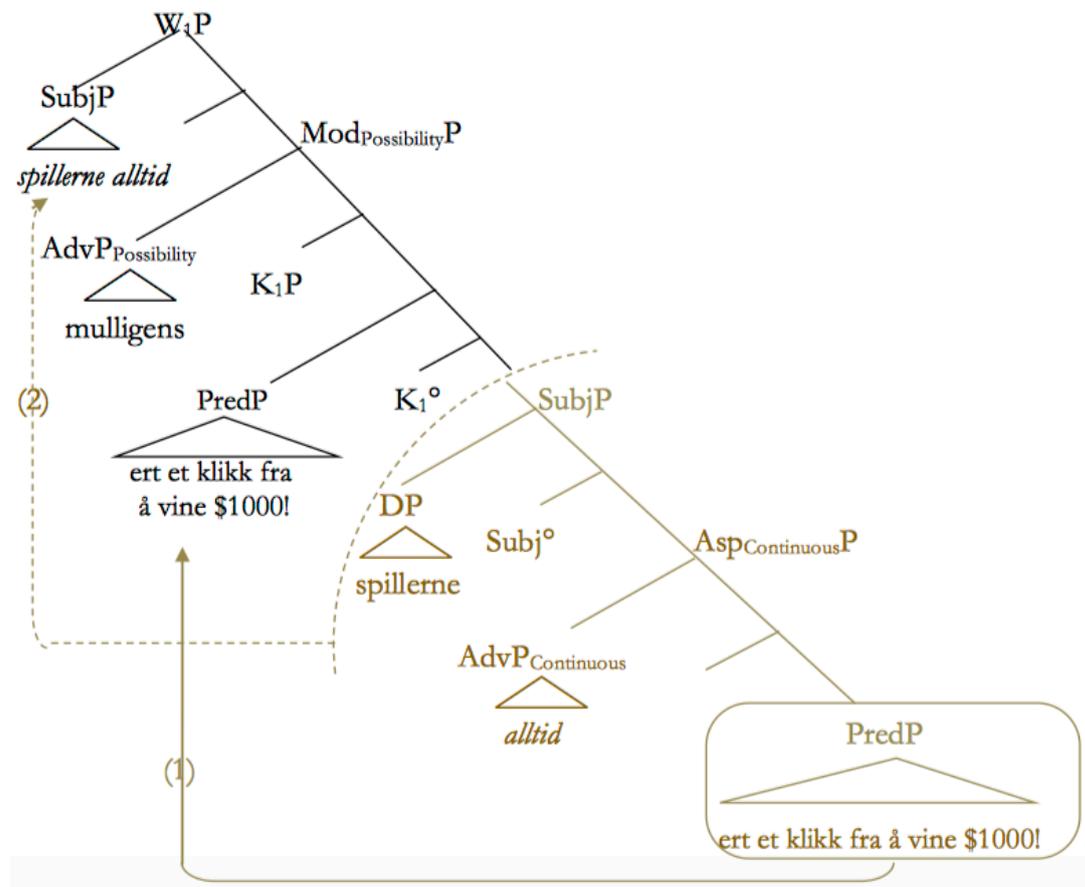
Conforme mencionado na seção introdutória, (4c) supostamente violaria a transitividade cartográfica, uma vez que se esperaria, por transitividade, que *mulingens* ‘possivelmente’ precedesse

alltid ‘sempre’, aparentemente contrariamente aos fatos (cf. (4c)). Nilsen (2003) explica que a única saída que a cartografia teria para evitar o problema da falha de transitividade em (4c) envolveria a criação de uma projeção funcional mais baixa para hospedar o advérbio epistêmico. Essa análise é sugerida em Nilsen (2003), como uma maneira de os partidários da Cartografia de Cinque explicarem, por exemplo, a aparência de um advérbio *A* à direita de um advérbio *B* (mesmo quando *A* precede *B* na hierarquia). A ideia subjacente se originaria da análise de Cinque sobre alguns advérbios aspectuais que o autor considera geráveis em duas zonas quantificacionais (Cinque, 1999, 2004). No entanto, soldar o advérbio *provavelmente* abaixo de TP seria enganoso: não há qualquer evidência de um núcleo funcional epistêmico, reclamado por tipologistas, abaixo de T. Para além disso, conforme aponta Tescari Neto (2013), o advérbio *provavelmente* não pode ser recuperado no segundo membro coordenado em (15), do PB: isso significa que não é recuperável pelo VP elíptico, por ser soldado acima de $T_{Anterior}$, altura máxima onde o verbo finito pode subir em PB. Estivesse Nilsen certo, esperaríamos que o advérbio fosse recuperável, por poder ser também soldado, de acordo com Nilsen, abaixo de T.

- (15) O João comeu provavelmente o bolo e a Maria também comeu [-]
- a. [-]: *provavelmente o bolo
- b. [-]: o bolo

No espírito das derivações avançadas para os dados de Ernst (2007) e Zyman (2012), (4c) também poderia ser derivada à la Kayne (1998): *alltid* ‘sempre’ é inserido antes de *mulligens* ‘possivelmente’, de acordo com a hierarquia em (5), segundo a qual *mulligens* > *alltid*. Antes de *mulligens* ser inserido, um núcleo K atrai *ert et klikk fra å vine \$ 1000* — i.e., a porção da estrutura modificada por *mulligens* — ao seu especificador (cf., na fig. 4, o passo indicado como “(1)”). *Mulligens* é inserido, respeitando a hierarquia de Cinque, e, então, o remanescente, i.e., *spillerne alltid* move-se à esquerda do advérbio (cf. passo “(2)”), conforme a figura a seguir.

Fig. 4: A derivação de (4c)



Deste modo, não há necessidade de propor uma posição baixa para advérbios altos (*contra* as previsões de Nilsen, 2003). (4c) não apresenta qualquer “furo de transitividade” na hierarquia em (5); no melhor dos mundos possível, (4c), em vista dos dados discutidos aqui, sobretudo (15), é um exemplo de falha na análise dos críticos da cartografia.

Em suma, as (aparentes) “falhas de transitividade” na sequência funcional dos advérbios examinados aqui não são contraexemplos à hierarquia de Cinque nem à empresa cartográfica, mesmo vinte anos após o livro de Cinque (1999), um dos berços da Cartografia Sintática. Vimos que esses contraexemplos aparentes podem ser explicados assumindo que operações transformacionais, desencadeadas por razões de atribuição de escopo, podem reverter a ordem desses elementos na superfície.

Conclusão

O trabalho teve por objetivo primeiramente revisar a metodologia da *precedência e transitividade* – muito típica em investigações cartográficas, uma vez que permite, aos cartógrafos, chegarem a

um desenho de mapas da estrutura da oração e de seus sintagmas principais – para, na sequência, argumentar que as supostas “falhas de transitividade” na sequência funcional são muito mais aparentes do que reais.

Recorrendo à teoria da atribuição de Kayne (1998), foi possível sugerir que a derivação de sentenças contendo advérbios altos à direita de advérbios baixos nada mais é do que resultado de movimentos sintáticos que revertem as ordens hierárquicas tão somente na superfície. Uma vez que as hierarquias cartográficas devem ser consultadas quando da soldagem de constituintes presentes na numeração, não há por que argumentar que esses dados invalidam os achados da Cartografia.

REFERÊNCIAS

Belletti, A. **Generalized Verb Movement**. Turim: Rosenberg & Sellier, 1990.

Chomsky, N. **The Minimalist Program**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1995.

_____. Minimalist Inquiries: The Framework. In: Martin, R. et al. (Eds.) **Step by Step: essays on minimalist Syntax in honor of Howard Lasnik**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2000, pp. 89-155.

_____. Derivation by Phase. In: Kenstowicz, M. (Ed.) **Ken Hale: A Life in Language**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2001.

Cinque, G. **Adverbs and Functional Heads: A Cross-linguistic Perspective**. New York: OUP, 1999.

_____. Issues in adverbial syntax. **Lingua** 114, 2004, pp. 683-710.

_____. **Restructuring and Functional Heads. The Cartography of Syntactic Structures**. Vol.4. New York, Oxford: Oxford University Press, 2006.

Costa, J. Adverbs and the Syntax-Semantics Interplay. **Estudos Linguísticos**, 2. Lisboa: Edições Colibri/CLUNL, 2008, pp. 13-25.

Ernst, T. On the role of semantics in a theory of adverb syntax. **Lingua**, 117, 2007, pp. 1008–1033.

_____. **The Syntax of Adjuncts**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

Giusti, G. Parallels in Clausal and Nominal Periphery. In: Frascarelli, M. (Ed.) **Phases of Interpretation: Studies in Generative Grammar**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006, pp. 163 -184.

Kayne, R. S. Overt vs. Covert Movements. **Syntax**, 1: 128-191.

Laenzlinger, C. **Elements of Comparative Generative Grammar: a Cartographic Approach**. Pádua: Unipress, 2011.

Pollock, J-Y. Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. **Linguistic Inquiry**, 20(3), 1989, pp. 365-474.

Sant'Anna, M.S. **Sintaxe do advérbio**. Dissertação (Mestrado) – UFRJ, 2005.

_____. **Sintaxe e Processamento de Advérbios no Português Brasileiro**. Tese (Doutorado) – UFRJ, 2010.

Schifano, N. **Verb Movement in Romance**. Oxford: OUP, 2018.

Tescari Neto, A. **On Verb Movement in Brazilian Portuguese: A Cartographic Study**. Tese (Doutorado) – Università Ca' Foscari di Venezia, Veneza, Itália, 2013.

_____. A posição dos advérbios focalizadores na hierarquia universal. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v.25, n.1, p. 44-84, 2017.

Tosqui, P.; Longo, B. A distribuição dos advérbios modalizadores na sentença: uma análise de base gerativa. **Alfa**, 47(1), 2003, pp. 85-97.

Travis, L. **Parameters and Effects of Word Order Variation**. Ph.D. Dissertation, MIT, 1984.

Van Craenenbroeck, J. Introduction. In: Van Craenenbroeck, J. (Ed.) **Alternatives to Cartography**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2009, pp. 1-13.

Zyman, E. **Two Investigations of Adverbs and Clause Structure in English**. Senior Thesis. Princeton University, 2012.